

O Ator e o Realismo do Cinema

uma única personagem — a sua personagem. E o que acontece com esse grande mito do século, a estrela de cinema. E o que também acontece, de certa maneira, com o que Pudovkin chama de personagem *tipo* e exemplifica em Charlie Chaplin — no qual, na verdade, mesmo na série Carlitos, é muito mais o ator do que o personagem quem permanece de um filme para outro. Acredito, entretanto, que a discussão específica sobre o trabalho cotidiano do ator cinematográfico — como de todo ator — deve supor a exigência de encarnação deliberada, consciente, de vários personagens, como faz Kenneth Tynan no seu estudo sobre a capacidade de verdadeiro camaleão de Alec Guinness, no qual o crítico inglês exemplifica uma visão que

me parece correta, no fundamental, da interpretação cinematográfica, dentro dos postulados do filme de ficção.

Outro assunto que merece um exame detalhado é a necessidade de interpretações cinematográficas que superem o realismo ilusionista tradicional do cinema. No teatro, Brecht já se encarregou dessa revolução. No cinema, este deverá ser um problema importante do futuro que pode ser pensado desde agora, pelo menos experimentalmente. O espetáculo cinematográfico deverá satisfazer as necessidades de crítica, fundamentais para a arte de nosso tempo. Para isso, o trabalho do ator de cinema também deverá ser modificado por novas exigências e moldar-se de forma adequada para atendê-las.

Imagem Exterior

O cinema brasileiro vem conseguindo estabelecer condições práticas que tendem a projetá-lo artística e comercialmente no mapa internacional. Desde a conquista da Palma de Ouro em Cannes-62, mais de 30 prêmios foram atribuídos, no Exterior, a filmes e cineastas brasileiros. Fenômeno que exprime a atenção que os centros culturais do continente e europeus estão dispensando a esse cinema. Correspondendo a tal fato, surgem diversos acordos de co-produção, e a iniciativa — tomada pelo governo brasileiro com estreita colaboração do país promotor — de campanhas promocionais, nos moldes das «Semanas» patrocinadas por governos estaduais e municipais.

Em 1965 foram efetivados acordos de co-produção com a Espanha e a Itália, havendo

interesse, no momento, por parte do Itamarati, de estreitar em bases semelhantes as nossas relações com a Argentina, a França e a Alemanha Ocidental. Por outro lado, o calendário do cinema nacional prevê, para o primeiro semestre, a realização de duas retrospectivas na Alemanha. A primeira, em Berlim, abrangendo nossa produção dos últimos onze anos. A segunda, durante as «Semanas Internacionais de Cinema», em Mannheim.

Celebrando este ano seu 20º aniversário, o Festival de Cannes programou homenagens especiais aos países detentores do Grande Prêmio, em número de dez, entre os quais o Brasil. No mesmo certame, 6 filmes nacionais foram exibidos no Mercado Internacional. E está previsto um festival exclusivamen-

te brasileiro em Lima, no Peru, consistindo em apresentação de filmes, publicidade na imprensa, rádio, TV, cinemas e pontos turísticos, e presença de delegação de artistas e cineastas.

A esses fatos acrescentam-se outros que favorecem o processo de consolidação industrial do cinema brasileiro. O interesse dispensado pela crítica internacional. A repercussão altamente favorável do I Festival Internacional do Filme do Rio, garantindo a sua continuidade — prevista, desde já, para 1967. E ainda a perspectiva de que o Brasil venha a fillar-se, este ano, à FIAPF (Federação Internacional das Associações de Produtores de Filmes), o que irá assegurar-lhe bases mais amplas e sólidas em seu programa de expansão no mercado externo.